

OPINIÃO

EDITORIAL

A fiscalização e os problemas esdrúxulos

O papel fiscalizador do Legislativo municipal é, por definição, sua principal razão de existir. Não é à toa que a Constituição estabelece que cabe aos vereadores zelar pelo bom uso do dinheiro público, acompanhar a execução dos serviços essenciais e questionar os desmandos do Executivo. No entanto, em Ribeirão Preto, essa função essencial vem sendo negligenciada, como se fiscalizar fosse uma opção – e não um dever inescapável.

Em vez de atuarem como fiscais do povo, muitos vereadores preferem apresentar projetos esdrúxulos, completamente dissociados de suas atribuições constitucionais. Um dos exemplos mais recentes é a proposta do vereador Lincoln Fernandes (PL), que quer criar um serviço municipal de transporte por aplicativo, nos moldes de um “Uber da Prefeitura”, gerenciado pela já combalida RP Mobi.

Aqui cabe um parêntese: é preciso lembrar que a RP Mobi não consegue sequer cumprir com decência sua função primária: a gestão do transporte coletivo, que vive seu pior momento em décadas, com linhas suprimidas, ônibus lotados e falta de transparência na operação. Isso sem falar nas dezenas de descumprimentos do contrato firmado entre a cidade e o Pro-Urbano, consórcio que, na teoria, é responsável pelo transporte coletivo na cidade. Nesse contexto, delegar à RP Mobi a criação de um novo serviço é insistir no erro e ampliar a ineficiência.

Outro projeto que escancara o desvio de foco da Câmara é o do vereador Delegado Martinez (MDB), que propõe o fechamento de adegas, bodegas e comércios similares, a pretexto de combater a violência e o desrespeito ao sossego alheio.

A medida, além de invadir competências administrativas do Executivo e gerar forte insegurança jurídica, revela uma perigosa tendência: a Câmara se arroga o poder de decidir o que pode ou

não funcionar na cidade, substituindo critérios técnicos por moralismo e arbitrariedade legislativa.

Não bastasse a falta de bom senso no plenário, o silêncio das entidades empresariais chama atenção. ACIRP e CDL, que deveriam ser protagonistas no debate sobre liberdade econômica e ambiente de negócios, só se manifestaram contra o projeto de Martinez no momento da votação, quando o estrago já estava feito. Sua omissão no debate público enfraquece ainda mais os mecanismos de contenção de abusos. E perderam a disputa, na medida que o projeto acabou vetado pelo Executivo, mas deu origem a um projeto da administração que trata do mesmo tema, com restrições similares.

Enquanto isso, a fiscalização de contratos, licitações, nomeações e políticas públicas segue relegada ao segundo plano. Nenhuma comissão da Câmara se debruça com profundidade sobre o caos na saúde, a ineficiência no transporte, a ausência de planejamento urbano ou os reiterados atrasos em obras públicas. A cidade fica, assim, à mercê de um Legislativo que prefere legislar sobre temas fantasiosos a enfrentar as mazelas reais da população.

A função fiscalizadora da Câmara não pode ser confundida com a criação de projetos pirotécnicos que ganham manchetes, mas produzem pouco ou nenhum benefício concreto. O mandato parlamentar é um instrumento de vigilância sobre o poder público, não uma fábrica de propostas para alimentar redes sociais ou agradar nichos ideológicos. Ribeirão Preto precisa de vereadores que tenham coragem de olhar onde o Executivo falha – não de aspirantes a prefeitos paralelos.

Fiscalizar é dever. O resto é distração.

NOVAS IDEIAS

A Vó Contra a Ciência Social

LUIZ RUFINO



Eis o embate de nosso tempo, meus caros, que nos arrasta ao assombro de mais um ato da comédia humana. Um sábio libanês de nome Nicolas Nassim Taleb, com sua acidez incômoda, desnuda este paradoxo em seus ensaios: de um lado, a **VÓ**, símbolo do conhecimento empírico forjado na trincheira da existência; do outro, os psicólogos, sociólogos, economistas e demais interventores, cuja razão, por vezes, jaz enclausurada na gaiola de ferro da mais pura abstração.

A matéria-prima da sabedoria ancestral, essa que nossa Vó carregava em cada ruga, em cada conselho torto e certo, é a **“pele em jogo”**. Não por acaso, esse saber milenar revela uma verdade profunda: a de que quanto mais tempo algo já existe – seja uma ética, um livro, ou um ditado popular –, maior a probabilidade de que continue a existir, pois sua persistência é prova de sua robustez e utilidade testada pelo tempo.

Quem já ouviu da Vó que **“devagar se vai ao longe”** ou que **“é melhor prevenir do que remediar”**, sabe que esses preceitos, testados por gerações, são mais robustos que qualquer teoria efêmera. Sua antifragilidade é inerente: a sabedoria da Vó foi temperada nas tempestades, fortalecida pelos golpes do destino. Ela é implícita, robusta e funciona – pois seus proponentes pagaram um preço por ela, um preço de carne e osso.

Mas, oh, o que dizer da ciência social moderna? Muitos de seus arautos, com diplomas brilhantes e linguagens cifradas, operam numa torre de marfim inexpugnável, onde o erro não impõe custo algum, onde a **“pele em jogo”** simplesmente inexistente. Daí brotam suas intervenções, frequentemente rotuladas como **“idiotas”** pela alarmante ausência de consequências pessoais em caso de falha.

Suas arquiteturas ideais, alheias ao **abismo que é o homem**, ignoram a carne, o sangue, a alma despedaçada. O político, esse **monstro da tribuna**, decreta a guerra sem pisar na lama da trincheira e jamais paga a conta. O ministro da Fazenda, **carrasco de paletó**, sangra o povo com impostos, enquanto sua casta permanece blindada. Seus privilégios, esses **fantasmas dourados**, intocados no sucesso ou na ruína. Qual o custo de uma teoria econômica que afunda milhões em desgraça? Qual a dor de um terapeuta cujo conselho desvia a alma? Nenhuma, se a responsabilidade direta for um fantasma inalcançável.

O sábio libanês, que de bobo não tem nada, nos joga na cara a figura de **Cícero**, o político romano que botava a vida em jogo, a pele na reta. Pra ele, filosofia não era papo de café acadêmico, mas aposta alta. Nem vinha com quimera platônica de **“República”**, que ele, com a sola das sandálias no chão, via como papo furado, desprovido de suor e sangue. E não só ele! Pense em **Sêneca** ou **Marco Aurélio**, que filosofavam governando impérios, sentindo na pele o peso de cada decisão.

A sabedoria deles? Antifrágil, meu amigo, porque foi vivida, não apenas rascunhada em pergaminhos empoeirados. Ora, um engenheiro de pontes sabe que se der zebra, a coisa desaba – e leva junto a reputação, quem sabe a vida. Mas os **“iluminados”** da academia, com seus modelos perfeitos, parecem imunes a desabamentos. Teoria vazia, risco zero, glória garantida!

A Vó, em sua sabedoria bruta, nos berra: só importa o saber que o tempo esculpe na própria carne, à força do açoite. O resto? Ah, o resto é a pantomima de gabinete, papo-furado de quem não tem sequer um fio de cabelo no risco. E nós, coitados, mendigando futuro a esses **“especialistas”** de ocasião. Nossa tragédia, meus caros, é essa: a fé cega em quem jamais suou uma gota de sangue no campo de batalha da vida.

*cientista político e professor

OPINIÃO DO LEITOR

Parabéns ao Jornal Ribeirão por expor o teatro político da Câmara. Precisamos de mais jornalismo crítico e menos conivência com o poder.

Carlos Henrique Almeida, Vila Virgínia

Parabéns pela linha editorial do jornal. Chega de vereadores criando leis absurdas enquanto fecham os olhos para os verdadeiros problemas da cidade.

Sandra Regina Lopes, Campos Elíseos

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriça, 600
- Banca do Denis - R. Otávio Gólfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N
- Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av. R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N
- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575
- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Ofício Center - Av. Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av. Dom Pedro S/N
- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Centri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
CNPJ 12.884.377/0001-30
www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:
redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial: **Emerson Cosmo**
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.